

BOERS - A GUERRA DO FIM DO MUNDO

César Augusto Nicodemus de Souza (*)

ENTENDENDO AS RAZÕES DA GUERRA

1. ANTECEDENTES

Desde o início do século XVIII os colonos do Cabo vinham expandindo seu território em direção ao norte e ao leste. Estes movimentos eram liderados por descendentes dos primeiros colonos batavos que haviam chegado à região a partir de 6 de abril de 1652. Aqueles fazendeiros brancos e suas famílias, gente extremamente religiosa, ativa e de espírito independente, fugindo da opressão dos britânicos que agora dominavam a área, buscavam novas terras para prover o seu sustento e pastagens para criar seus rebanhos. Ficaram conhecidos por sua saga, criando as primeiras trilhas da penetração européia, como os *Voortrekkers* ou *Trek Boers* – abreviadamente “*Boers*”.

Para eles, todos os sacrifícios da vida em barracas ou em carroções tracionados por bois, enfrentando constantes combates com os nativos que habitavam aquelas paragens, compensavam a falta de liberdade e perseguições que vivenciavam nas cidades, sujeitos aos burocratas e aos privilegiados cidadãos britânicos –

por mais insignificantes que tivessem sido seus papéis na sede do Império. Começaram por enfrentar os *Khoikhoi*, que lhes negavam bravamente a posse de uma nova terra para se estabelecerem. Próximo à virada do século a grande oposição veio dos *Khosa*, mais a leste, que lhes opuseram grande resistência. Freqüentes escaramuças ocorriam, particularmente em ZUURVELD, na fronteira delineada pelo *Great Fish River* – Rio do Peixe Grande ou, mais simplesmente, Rio DO PEIXE. Em 1779 ocorreria o primeiro dos inúmeros e ferozes combates da guerra aberta contra os *Khosa*.

A conquista paulatina dos espaços na África austral, basicamente na direção leste-oeste, é uma epopéia de sacrifícios, bravura e perdas. Por vezes tiveram que transpor cadeias de montanhas das mais íngremes e perigosas, onde um pequeno descuido, quase sempre, representava a perda de cabeças de gado e de todos os bens que uma família havia amealhado uma vida inteira. Pior; muitas vezes, com o carroção rolando morro abaixo, e se desintegrando, iam, também, preciosas vidas – do chefe da família aos amados filhos.

Voltaremos a esta aventura desbravadora, e de lutas contra várias tribos da região, quando da realização de nossa exposição sobre a África do Sul, como um todo. Uma coisa é certa: esta forma de conquista

(*) O autor é Gen Bda e Sócio-titular do IGHMB.

forjou um povo extremamente forte, indômito, aventureiro, inventivo e operoso. Tudo tinha de ser resolvido, improvisado e construído por eles, apesar dos opositores locais ou britânicos, com ou sem ferramentas, dispondo ou não de recursos específicos. Veremos que a inventividade era quase que um dom inato entre aquela gente.

2. OS PRIMEIROS COMBATES ANGLO-BOERS

a. Pródromos

Não deixa de ser curioso que, nos primeiros esforços para a conquista da supremacia dos mares, a Inglaterra jamais tenha se interessado pelo ponto de apoio do Cabo, no encontro entre o Atlântico e o Índico. Nunca o disputou aos holandeses - que ali haviam se fixado desde 1652, senão no curto período da guerra Anglo-Holandesa, em 1795. Terminado o conflito, findou o interesse e os batavos voltaram a controlar a região entre 1803 e 1806. A rigor, a Inglaterra só manifestou empenho na posse quando pretendeu negá-lo à França napoleônica. Esta as razões das primeiras ocupações da futura Colônia do Cabo da Boa Esperança.

Mas as Coroas européias vitoriosas contra as ondas revolucionárias do populacho francês e aquela movida pelo Corso, não podiam mais se omitir e reuniram seus representantes na Áustria, para a partilha do Mundo entre aqueles “escolhidos por Deus” para dirigi-lo.

Através do Tratado de Viena,

em 1815, a Grã-Bretanha obteve o beneplácito das demais potências para estabelecer-se definitivamente no que passou a ser a sua Província do Cabo da Boa Esperança, e para expandir-se a partir dali, quase que sem limitações maiores. Ao final do século XIX suas possessões incluíam Natal, Basutolândia, Swazilândia, Rhodésia, Bechuanalândia e outras regiões conquistadas aos nativos, genericamente englobados por eles na tribo dos *bantus*.

Mas os *boers*, estabelecidos naquelas áreas, repeliam as expedições ou incursões britânicas. Eles, inclusive, já haviam combatido e acertado a paz com as mais expressivas tribos guerreiras do vasto território, e não aceitavam que os britânicos lhes complicassem a vida novamente, acirrando problemas entre os nativos e os brancos europeus. Os *boers* queriam paz - “viver e deixar viver” - enquanto os britânicos traziam para a região seus já consagrados métodos de senhores colonizadores.

b. A figura de Andries Pretorius

Em decorrência desta rivalidade irreconciliável, três campanhas militares ocorreram entre essas partes, não computadas na numeração das guerras “Anglo-Boers”, as quais, de maior expressão, viriam a ser conhecidas como 1ª (a de 1880-81) e 2ª (1899-1902) guerras.

Em 1837 uma parte dos *Voortrekkers*, a coluna liderada por Piet Retief, ultrapassara os Drakensberg e se estabelecera a 80 km de D’Urban (a antiga Natal,

ocupada pelos britânicos, que conviviam bem com *Shaka*, rei dos zulus). Em fevereiro de 1838, um dos chefes zulu, *Dingane* (meio-irmão de *Shaka*), assassinou friamente todos os homens *boers*, inclusive Retief, que com ele comemoravam um acordo de utilização de terras, acertado entre as partes.

Em novembro, chega à região Andries Pretorius, logo escolhido para chefiar a comunidade acéfala, a qual passa a chamar-se Pietermaritzburg. As relações com os britânicos, então, eram cordiais, mas era objetivo de *Dingane* “varrer todos os brancos” daquelas terras. A feroz luta que se seguiu só terminou, em 16 de dezembro, com o combate que ficou conhecido como de “Blood River” – onde cerca de 400 *boers*, atirando com precisão (inclusive com dois pequenos canhões) e carregando a cavalo fora do perímetro das carroças, fracionaram e derrotaram uma força de cerca de 10.000 guerreiros zulus, matando da ordem de 3.500 deles.

Os *zulus* estabeleceram uma paz com os *boers* - 400 dos quais, inclusive, sob a liderança de Pretorius, em janeiro de 1840, auxiliaram Mpande em sua revolta contra o meio-irmão *Dingane*. Contudo os nativos passaram a incursionar sobre a britânica D’Urban, levando os britânicos a evacuá-la. É lá que os *boers*, rebatizando-a “Natal”, irão sediar sua nova *República Natalia*.

Destarte, ainda que amparados

por acordo acertado com os nativos, com o silencioso beneplácito dos britânicos, estes levaram a guerra aos *boers* no mesmo território, para evitar a formação de um Estado que tenderia a lhes ser rival e, certamente, atraídos pela importância da conquista e manutenção do porto estratégico de Natal (hoje Durban).

Os *boers* expandiam o território, derrotavam os nativos, e os britânicos, mais uma vez, lhes iam ao enalço para recolher os frutos.

c. Começa o derramamento de sangue

Em março de 1842, o Governador do Cabo, Sir George Napier, enviou uma pequena força (323 combatentes), sob o comando do Cap Thomas Charlton Smith, do 27º Reg de Fuzileiros, para ocupar Port Natal, cuja maioria era de ingleses. Smith era um militar experiente, tendo, inclusive, combatido em Waterloo. Da expedição faziam parte, além das duas Companhias de britânicos regulares, um Destacamento de “Atiradores Montados do Cabo” (tropa miscigenada, destacada em várias ações no sul da África e que aqui serviria de guarda pessoal do comandante), sapadores e mineiros e as guarnições para as duas peças de Artilharia: um canhão de 6 libras e um obuseiro de 24. Como era comum à época, mulheres “de acompanhamento”, guias e condutores de mulas e carroças.

Smith decidiu surpreender os *boers* e dar-lhes o combate decisivo em Congella, valendo-se da maré

baixa para envolvê-los, mas não pode contar com o apoio de fogo que contava ser prestado, a partir do lado oposto de Congella, pelo obuseiro de 24 libras, instalado sobre um batelão. Exatamente porque, se a maré baixa favorecera o seu deslocamento, impedira o batelão de navegar (!) e este acabara encalhado. Surpresa não houve nenhuma, pois Pretorius previra uma posição defensiva em sua retaguarda, a qual alertou o conjunto. A reação, sim, colheu de surpresa os atacantes, causando-lhes muitas baixas e perda de material.

As desastradas ações iniciais foram fruto de arrogância do profissional europeu e redundaram em um retraimento para dentro do “Old Fort”, onde Pretorius lhe infligiu cerco e bombardeio (mais de 600 tiros) com as próprias peças apreendidas, inclusive aquelas do Forte Victoria, que fora tomado em curso da ação.

A desprendida ação de um morador, que cavalgou dez dias até o Cabo para dar conta da situação, fez vir reforços de Port Elisabeth (pelo bergantim *Conch*) e do Cabo (800 homens transportados pelo *Southampton*, sob o comando do Cel Josias Cloete). Após manobra de desembarque e fogo naval, conjugada por ação por terra, o forte foi liberado, após mais de quatro semanas de cerco, e os *boers* forçados a se retirarem em direção à Pietermaritzburg. Ali, Andries Pretorius convenceu os seus seguidores a tentar obter uma solução pacífica com a Coroa. Três semanas

após o cessar fogo, representantes da *Volkstraad* (Assembléia do Povo) assinaram a paz e o fim da *República Natália*.

Muitos *Voortrekkers*, novamente sobre carroções, rolaram para o Norte, vindo a se estabelecer nas margens sul e norte do Rio Vaal.

Na região do Rio Orange os britânicos tentaram impedir o estabelecimento dos *boers*, apoiando abertamente Adam Kok, o chefe dos *Griqua*, um grupo mestiço nativo, de idioma basicamente batavo e que precedera os *boers* na dominação do sudoeste da região. Os *boers*, além de inferiorizados numericamente, ainda estavam dispersos, em função da necessidade de fazer funcionar suas fazendas, sem as quais seu povo sucumbiria. Por outro lado, com rica cultura própria, não admitiam ser controlados por mestiços.

Em 1845, estouraram os conflitos na região de Transorange. Os *Griqua* – que eram dotados de cavaleiros e armas de fogo - não conseguiam submeter os *Trekkers*. Destacou-se nesta época a argúcia e a bravura de Pretorius o qual, através de pequenas frações de *Comandos*, levava à dispersão e à intranqüilidade a tropa britânica estabelecida em Blomfontein.

Os britânicos decidiram intervir para garantir a dominação sobre os *boers*. Em 1848, o novo Governador do Cabo, o mercurial Sir Harry Smith, decide decretar a constituição da “*Orange River Sovereignty*”, como território da Coroa, composto

pelo Transorange e a faixa ao sul do Rio Transvaal. Quando a tensão aumenta, ele se desloca pessoalmente para a área com efetivos variados, onde sobressaíam três Esquadrões do 7º *Dragon Guards* e três peças de artilharia. Harry Smith, a rigor, não quer que haja combates, pois informara à Coroa que os habitantes estavam satisfeitos com o novo status que ele lhes outorgara.

Mas ele estava, efetivamente, ou mal informado ou profundamente equivocado sobre o grau de determinação e de resistência dos *boers*; ele levara longe demais suas exigências e a guerra aberta foi inevitável. Embora, ao final, vitorioso, a soberania da área nunca seria tranqüila. Por outro lado, os atrativos econômicos não eram tão expressivos para os britânicos e eles acabaram assinando uma paz em Bloemfontein, em 23 de fevereiro de 1854, que garantiu a implantação de um outro país no sul da África: o “*Orange Vrystaat*” (Estado Livre de Orange).

A faixa norte do Rio Vaal declarou-se independente em 1857, unindo as terras da margem esquerda, sob o nome de “República do Transvaal” – que seria mudado mais tarde para “*Zuid-Afrikaaniche Republick*” – ZAR (República Sul Africana).

3. AS “GUERRAS ANGLO-BOERS”

a. A chamada “Primeira Guerra Anglo-Boer”

Para complicar a sobrevida

daquelas duas repúblicas, dois britânicos de peso viriam a endurecer substancialmente a atuação colonial britânica:

– Benjamin Disraeli assume o cargo de Primeiro-Ministro britânico, em 1868 (ali permanecendo até 1880), e passa a desenvolver o mais completo planejamento e execução de expansão do Império Britânico em todos os tempos.

– Seu Secretário de Estado, Lord Carnarvon, arquitetou formar uma Confederação com todas as colônias, as repúblicas *Boers*, e os grupos nativos sul-africanos sob influência britânica. Ao perceber que não o conseguiria sob a forma pacífica, recomendou a Disraeli, em 1876, que os britânicos deveriam derrotar o Transvaal em uma guerra, após a qual o Estado Livre de Orange cairia por si só.

É fácil entender que o caminho para o confronto estava aberto; de um lado havia expressa vontade de fazer a guerra, enquanto do outro só restava resistir com máximo empenho, ou não sobreviveria.

Para reforçar as ações britânicas, o Transvaal “quebrou” financeiramente em 1877, não só devido aos gastos com a luta contra os nativos *Pedi*, no NE do país, mas, sobretudo, porque a população vinha se recusando a pagar os impostos. A Grã-Bretanha disto se aproveita para assumir a direção daquele Estado, cujo presidente, desde 1872, era T.F. Burgers. Carnarvon, então, toma a iniciativa de mandar Sir *Theophilus*

Shepstone, antigo Secretário de Assuntos Nativos em Natal, com uma comissão de 25 burocratas, para levantar os problemas administrativos, propor soluções e, na prática, instalar-se como “Comissário Especial” e administrar o Transvaal. A população demonstrou, de imediato, não concordar com este controle externo de suas vidas, mas não parecia haver alternativas.

Agindo de forma um tanto vaga quanto aos objetivos da Coroa, *Shepstone* amedrontou a administração *boer* com uma iminente bancarrota e a total falta de controle sobre as tribos nativas que habitavam o território – em especial os *Zulus* e os *Pedi*. O governo dos *boers* estava desmoralizado e tentou convencer sua gente de que uma administração britânica seria benéfica para todos. A população ficou dividida, embora os opositores, inicialmente, tivessem adotado uma linha que identificaram como de “*resistência pacífica*”.

Shepleton se vale de um documento, que ele dizia assinado por mais de 3.000 assinaturas de pessoas gradadas da república, aceitando como solução a transformação do país em “*Colônia Britânica do Transvaal*”. Ainda anestesiados pelo pacifismo, os cidadãos assistiram apáticos, em 12 de abril de 1877, à Proclamação de Anexação, em plena Praça da Catedral, no centro da capital Pretoria.

Contudo, em maio seguinte, a Assembléia do Povo envia delegação a Carnarvon, com abaixo assinado de mais de 6.500 cidadãos, demonstrando

que a população não havia aprovado tal anexação. Considerada extemporânea pelo governo britânico, dela nada resulta.

Enquanto isso, a Metrópole fracassava, justamente onde alardeava seus predicados: desenvolver economicamente, em infra-estrutura e dar segurança aos fazendeiros da nova Colônia. Os *Pedi* jamais pagaram a multa devida pelo acordo de paz com o extinto Transvaal e os *Zulus* invadiam as terras produtivas do sudeste, simplesmente porque faltavam soldados para manter a lei e a ordem na colônia. Nem a ferrovia prometida para Delagoa Bay – a Lourenço Marques dos portugueses (hoje Maputo) – tomou forma. A “*Eastern Line*” só seria concluída em 8 de julho de 1895, pelo governo da República do Transvaal restabelecida – ZAR. O seu controle viria a ser um dos primordiais objetivos britânicos na 2ª Guerra Boer, para isolar os *boers*, impedindo seu acesso ao mar.

Em janeiro de 1878 a situação começa a se deteriorar em Pretoria, com manifestações hostis à presença britânica. A segunda comissão que fora a Londres, para que fosse cedida nova independência à ZAR, retornara sem resposta positiva, apesar de ter sido ouvida pelo novo Secretário de Estado, Sir Michael H. Beach. É que este também era adepto da “*confederação*”.

Sir Owen Lanyon é nomeado para substituir o desgastado *Shepstone*, em 1879.

Mesmo a mudança de governo

na Metrópole, com a subida dos liberais, em abril de 1880, tão esperada pelos *boers*, não melhoraria as condições da ZAR, pois que também era pensamento de *Gladstone* manter o domínio sobre Pretoria.

O parlamento de Orange, ao sul do Rio Vaal, apóia as aspirações de independência do Transvaal, em maio de 1879. Até os *boers* que vivem na Colonia do Cabo externam seu apoio moral aos irmãos do norte. Aliás, eles e seus descendentes serão muito importantes em 1900, no movimento subterrâneo que ali apoiará, nova e concretamente, os combatentes *boers*.

É preciso considerar que, devido às seguintes incursões *zulus* às fazendas dos *boers*, ao sul do Transvaal, um destacamento destes lutou junto aos britânicos, bloqueando qualquer fuga dos nativos para o norte, e foram decisivos na derrota dos *zulus* em julho de 1879. Os negros nativos deixaram de ser ameaça; a economia, a segurança e a liberdade dos *boers*, agora, só eram ameaçadas pelos britânicos.

Em setembro do mesmo ano, Sir Garnet Wolseley é nomeado Alto Comissário para a África de Sudoeste, Governador de Natal e Transvaal.

Em outubro de 1880, o jornal de Paarl, na região do Cabo, escreve em sua página principal: “*A resistência pacífica perdeu a razão de ser*”.

Paul Krüger, um dos mais proeminentes líderes dos *boers*, fizera duas viagens à Grã-Bretanha,

procurando provar junto àquela Metrópole que o seu povo não admitia mais a falta de independência.

Finalmente, na data nacional de 16 de dezembro daquele 1880, os habitantes do Transvaal, sob a liderança de *Paul Krüger*, *Marthinus W. Pretorius* (filho de Andries) e de *Piet Joubert*, rebelam-se contra as autoridades britânicas e declaram sua independência. Nesta mesma data a tropa britânica em Potchefstroom é atacada e dispersada.

Em 20 de dezembro, um comboio do exército britânico é emboscado e destruído em Bronkhorstspuit; de 22 deste mês até 6 de janeiro de 1881, todas as guarnições militares britânicas foram cercadas.

Os *boers* vestiam-se com roupas caqui ou próximas à cor do terreno, enquanto os europeus, nos seus uniformes vermelhos e cheios de brilhos, eram alvos fáceis para atiradores experientes. Esta é a última campanha colonial britânica envergando tais uniformes.

Na tentativa de levantar os cercos a que eram submetidos seus militares, o comando britânico constituiu uma expedição com a “Natal Field Force”, sob o comando do experiente Major-General Sir George Pomeroy Colley. Este, ao tentar forçar a transposição das Drakensberg, no Passo de Laing, é totalmente derrotado pelos *Comandos* de *Joubert*, perdendo substancial parcela de sua Infantaria e da Cavalaria (28 Jan 1881). Até hoje aquele combate

é considerado pelos militares ingleses como um “fiasco”. Ele acabaria por determinar o fim do emprego aberto dos estandartes das Unidades no cenário dos combates. Ali, sucessivamente, quatro delas tiveram seus portadores abatidos.

Os insucessos nas batalhas de Schuinshoogte (também conhecida como Ingogo, em 8 de fevereiro) e de Majuba Hill (em que o próprio Gen Colley foi morto, em 27 do mesmo mês), foram decisivos para o governo de Gladstone se convencer que estava perdendo muito mais com aquela guerra “*no fim do mundo*” do que poderia ganhar. Optou, então, por autorizar um armistício com os revoltosos, em 6 de março.

Seguiu-se a assinatura do tratado de paz, em 23 do mesmo mês, pelo qual o Transvaal conquistou sua independência, teoricamente supervisionada pela Grã-Bretanha.

Em decorrência de suas atitudes desassombradas, e de sua popularidade, que vinha desde a infância, nos tempos da *Great Trek*, Paul Krüger virá a assumir a presidência do Transvaal, novamente livre, em 1881.

b. A chamada “Segunda Guerra Anglo-Boer”

A descoberta de ouro em terras *boers*, em 1886 (sendo que o maior veio do mundo, na cordilheira de Witwatersrand, com 96 km de extensão) levou ao Transvaal um fluxo crescente de prospectores, a maioria deles britânicos.

Profeticamente, Paul Krüger teria dito: “*Em lugar de regozijarmos-nos, melhor faríamos em chorar, pois este ouro será a causa de um banho de sangue em nosso país*”

Rapidamente as minas e a maioria do comércio passaram para mãos de ingleses. O governo *boer*, na tentativa de preservar os interesses de sua população, começou a negar cidadania àqueles *uitlanders* (estrangeiros) que não estivessem permanentemente no território durante os últimos 14 anos e a taxá-los substancialmente, apesar de todos os protestos britânicos. Não esqueçamos que, além de tudo mais, estes vinham tomando as primeiras medidas para o preconizado plano de amalgamar todas as administrações sul-africanas, sob sua influência, em uma Confederação.

O grande provocador do conflito foi o político e financista britânico Cecil Rhodes, que enriquecera com a mineração de diamantes naquela área, e à época governava a Colônia do Cabo. Foi dele a concepção da montagem de um golpe de estado no Transvaal, executado, em 29 de dezembro de 1895, por seu amigo pessoal, o Doutor Sir Leander Starr Jameson, a partir do território vizinho da Bechuanalândia (hoje Botswana). Um grupo de 600 britânicos infiltrados foi levado a apoiar pelas armas uma rebelião de *uitlanders* que haviam sido instigados contra o governo do Transvaal.

O fracasso da invasão deveu-se basicamente a um erro no corte dos fios telegráficos que ligavam o

posto de fronteira à capital. A verdadeira ligação permaneceu ativada e os golpistas se viram logo presos, sem que houvesse a combinada adesão dos estrangeiros de Pretoria. Dominada a incursão de Jameson, a aventura redundou na sua captura e encarceramento e na demissão de Rhodes, mas o mal já estava feito. As relações anglo-boers estavam definitivamente deterioradas. Aliás, os britânicos pouco depois compensariam os seus vilões: - Jameson seria elevado a Primeiro Ministro da Colônia do Cabo (1904-1908) e Rhodes homenageado por seus patrícios no topônimo dado à “Bechualândia”... Rhodesia.

O ano de 1899 estava se anunciando como decisivo. O governo do Transvaal decidira interromper a passagem sobre o Rio Vaal de trens provenientes do Cabo e a situação dos cidadãos britânicos naquele país era cada vez mais controlada. Prevendo o rompimento iminente de hostilidades, o Comandante-em-Chefe do exército britânico, Lord Wolseley, não tendo conseguido convencer o seu governo a mandar tropas para a região, enviou o bravo e eficiente Cel Robert S.S. Baden Powell, acompanhado de um punhado de oficiais, para a Colônia do Cabo, a fim de estruturar dois Regimentos de Atiradores Montados, com pessoal da Bechualândia. O objetivo era resistir à esperada invasão da Colônia de Natal, impedir a chegada dos boers ao litoral e facilitar o eventual

desembarque de tropas britânicas, além de servir, pela presença, de uma demonstração de força para as tribos locais que pudessem pretender pender para um apoio aos *boers*.

Da mesma forma que o governo de Sua Majestade, os políticos locais temiam que um aumento da presença militar britânica pudesse provocar um ataque *boer*. Destarte, Baden Powell teve de organizar tudo em sigilo – do recrutamento aos depósitos e meios de transporte. Com tropas mal treinadas, diante, ainda, das repercussões pelo fracassado *raid* do Dr Jameson, uma enorme superioridade numérica dos *boers* e a reconhecida preponderância de sua tática de *comandos*, não restava a Baden senão adotar uma postura defensiva. Conseqüentemente, ele optou por manter o controle da localidade de Mafeking, não só por localizar-se na fronteira, controlando a passagem da ferrovia entre Bulawavo e Kimberley, como também por se tratar de importante centro administrativo e de abastecimento. É sempre bom recordar que LadySmith, na descida para Durban, já era a guarnição militar britânica mais importante a circundar as terras *boers*.

A situação logo precipitar-se-ia com a nomeação do novo Governador do Cabo, Sir Alfred Milner. Dizendo-se muito ressentido com o tratamento dado aos britânicos, promulgou decretos elevando o efetivo das tropas

britânicas no sul da África de 12.000 homens para um exército de 50.000. Tomado como uma provocação, em 9 de outubro de 1899, Krüger exigiu a retirada, em 48 horas, de todas as tropas britânicas das fronteiras do Transvaal, sob pena de estabelecer-se o estado de guerra aberta.

Aos que se espantam com prazo tão curto, exigindo, é claro, uma crucial e intransferível decisão do governo central em Londres, para um conflito tão distante, no interior da África, lembremos que qualquer guarnição inglesa, ali situada, estava ligada por telégrafo à capital do Império! A Grã-Bretanha lançava por todos os mares seus cabos, que se ligavam às linhas terrestres.

O Transvaal, por seu lado, vinha recebendo pelo porto de Lourenço Marques, através da ferrovia finalmente concluída pelo governo de Krüger, armamentos, munições e equipamentos militares – especialmente provenientes da Alemanha. Mas não faltaram excelentes canhões Schneider-Creusot de 155mm, franceses. Embora seus efetivos totais não ultrapassassem 88 mil soldados, com baixo padrão de instrução militar, mas altamente aguerridos e bons atiradores, eles eram brilhantemente dirigidos por chefes destacados. A guerra realmente irromperia em 11 de outubro, e Paul Krüger, agora com 74 anos, permaneceria em Pretoria, em decorrência de sua saúde abalada. Isto não impediu a seqüência de vitórias na fronteira da Colônia do Cabo e na

província de Natal (esta invadida por cerca de vinte mil homens), onde obtiveram sucesso nos cercos às Guarnições britânicas de Mafeking e Kimberley – iniciados em 14 de outubro – e de LadySmith (2 de novembro de 1888) – localidades que bloqueavam os acessos ferroviários às suas terras e, por isso mesmo, serviam de sede às mais importantes guarnições militares britânicas no Teatro de Operações (TO).

Veremos que tais cercos acabaram por se mostrar contraproducentes, pois imobilizaram importantes efetivos e equipamentos que poderiam ter sido decisivos em outros pontos, além de proporcionar o tempo necessário para que a Grã-Bretanha trouxesse mais meios materiais e humanos para decidir a seu favor. Pior, eles deixavam de empregar a sua prática mais destrutiva e temida pelos britânicos: o combate altamente móvel e eficaz de seus *Kommandos*!

E, não esqueçamos: a Velha *Albion* era extremamente rica e determinada, e seus braços eram longos o suficiente para alcançar qualquer parte do globo. No momento mesmo em que as operações começavam, sob o comando do Gen Sir Redvers Buller, 47.000 britânicos já estavam a caminho da África do Sul.

À proporção que a divulgação dos combates – em paragens tão distantes e, para alguns, tão exóticas – foi sendo ampliada, o interesse pelo conflito tornou-se mundial. Havia, até, uma torcida pelo “David” diante do

“Golias”. A flexibilidade do *Commonwealth* se fez presente, pela participação de australianos, neozelandeses, ceiloneses, indianos e, pela primeira vez, uma força expedicionária canadense. Também norte-americanos e irlandeses lutariam com os britânicos, mas haveria representantes destas duas nações em ambos os lados.

Pelo lado *boer* combateriam alemães, franceses e russos, além de ter havido uma equipe de saúde completa holandesa.

Outro aspecto interessante a destacar foi o largo emprego das ferrovias por ambos os contendores, seja para carrear meios, seja para orientar as direções estratégicas a seguir. Os britânicos, quando transitavam por regiões sujeitas a emboscadas *boers*, ou quando encetavam uma progressão em direção ao inimigo, valiam-se de vagões e, mesmo, de locomotivas blindadas.

Voltemos às operações. Ao desembarcar, o General Buller é levado a abandonar os planos iniciais e, com somente 19.400 homens, ainda não adaptados às condições locais, desloca-se imediatamente de Durban para libertar a tropa cercada em LadySmith, que abriria o caminho para o Transvaal. Seria necessário antes, contudo, desalojar o inimigo em Colenso, apoiado no corte do Rio Tugela.

I. COLENZO

No corte do Rio Tugela, em Colenso (15 de dezembro de 1899), os britânicos são barrados e desbaratados por 4.500 *boers*, sob

o comando do Gen Botha, que lhes causa mais de mil baixas e ainda lhes toma praticamente todos os canhões da 14ª Bateria de Artilharia de Campanha. Aliás, este combate será uma referência na mudança da doutrina britânica para o emprego da Artilharia de Campanha, até então lançada à frente do dispositivo, para causar o máximo de baixas ao inimigo antes do combate das armas-base. É que as peças, até então, tinham trajetórias excessivamente tensas, as quais não lhes permitiam atirar por sobre a própria tropa ou uma elevação à frente. Os artilheiros, desta forma, ficavam muito expostos a bons atiradores e às cargas de Cavalaria.

Naquele combate, os *boers* perceberam que a Artilharia estava sendo posicionada contra eles à frente do dispositivo, como era tradicional entre os ingleses, mas carecia de uma Infantaria, que se atrasara. Era da doutrina britânica que, inicialmente, os infantess protegiam a ação das baterias e, após, lançavam-se ao ataque, aproveitando-se dos efeitos dos fogos, que teriam “amaciando” o inimigo. Aquela exposição – ainda mais desprotegida – foi fatal para a Artilharia.

Os *boers* concluíram que poderiam se apoderar do material, antes mesmo do combate começar. Os artilheiros iniciaram seus trabalhos no serviço das peças de Artilharia de Campanha, sem mesmo saber por onde andavam os canhões navais, os quais, tracionados por bois, eram sempre mais lentos e ainda não tinham sido colocados em posição.

Portanto, não havia Infantaria, nem qualquer Artilharia em condições de prestar apoio de fogo. Disso se valeram os *boers*, que desencadearam pesada fuzilaria e concentrações de sua Artilharia contra a posição da 14ª Real Bateria, a qual foi momentaneamente abandonada pelo seu pessoal.

Um *Comando boer* transpôs o rio e começou a remover os canhões e transpô-los para a outra margem, Apesar da bravura de um pugido de artilheiros, que retornaram para evitar aquela ação, só duas peças não foram capturadas. Ficou patente que um meio importante e caro como o material de Artilharia não poderia mais ficar sem, pelo menos, uma massa cobridora a protegê-lo passivamente da ação inimiga.

Os *boers*, de sua parte, procuravam alturas que dominassem, à distância, as posições a bater. Aumentavam o alcance do material, facilitavam a direção de tiro e melhoravam as condições de proteção do material. Foi de posições como estas que bateram o corte do Tugela, interditando aos britânicos as regiões de passagem. A Brigada Irlandesa pagou sangrento preço pelas suas tentativas de transposição no, hoje famoso, “*loop*” (“laço” do rio).

A frustração do ataque britânico foi total, com pesadíssimas perdas para a 5ª Brigada Irlandesa do Gen Fitzroy Hart.

Mas, sem dúvida, consolidou-se naquele dia a idéia de que deveria haver uma elevação que servisse de

proteção entre as Baterias e o inimigo. Conseqüentemente, dever-se-ia desenvolver um sistema de direção de tiro que permitisse a *pontaria indireta* das peças para bater os alvos, sem que o apontador os visse.

E assim ocorreu. Foi adaptada sobre o tubo de cada canhão uma régua graduada com pequenos furos, por cima, correspondentes a cada graduação – permitindo que neles se encaixasse uma estreita haste, tipo um palito. Com uma visada feita da culatra da peça, passando por esta haste, sobre um ponto afastado, faziam-se as necessárias correções em direção, transmitidas por um observador colocado sobre a elevação interposta entre o alvo e a peça.

Curiosamente, esta *régua* ficou sendo chamada de “*Arco de Pontaria*”. Um acessório simples, improvisado, saíria desta a guerra anglo-boer como uma das grandes contribuições à Arte da Guerra.

II. SPIOENKOP

Em 10 de janeiro, com seu efetivo aumentado para 24.000 homens, Buller decide transpor o Tugela a montante, próximo a Spioenkop, de onde prosseguiria para LadySmith. Seu subcomandante da coluna – Ten Gen Sir Charles Warren – comanda esta operação, mas só em 17 de janeiro, à frente de 17.000 combatentes, no entanto acaba rechaçado na outra margem, em Intabamnyama, por cerca de 2.000 aguerridos *boers* (no início de janeiro eles eram ali só uns 450).

Buller, então, lhe dá um *ultimatum*: ou parte imediatamente para LadySmith, ou retraia, transpondo de volta o Tugela! Warren decide, então, romper a linha de defesa *boer* em seu trecho mais alto – justamente sobre o alongado e difícil monte Spioenkop – com um ataque noturno de surpresa.

Um destacamento de 1700 soldados, sob o comando geral do Gen Woodgate, parte tão logo se fez escuro na noite de 23 de janeiro, e por volta das 21 horas já está subindo pela encosta SW, a mais difícil. Às duas da manhã, atinge silenciosamente o platô superior e é dada a ordem para calar baionetas para prosseguir, em linhas sucessivas, sobre a pequena guarnição *boer*. O clicar da armação de baionetas denuncia a presença intrusa e os *boers* reagem com uma fuzilaria desorientada pela escuridão. A superioridade britânica, contudo, empurra o inimigo para fora do topo da montanha. Mas o matraquear dos fogos já dera o alerta geral.

Os britânicos, então, tentam cavar uma trincheira defensiva, mas são impedidos pela dureza do solo pedregoso. Passam a empilhar pedras, formando muros no que pensam ser a crista militar. A luz do dia vai mostrar que eles, erradamente, haviam se posicionado na crista topográfica! Havia, agora, que descer um pouco mais em todas as direções, se quisessem observar qualquer movimento *boer* ou obter rasância para suas armas.

Assim que o Gen Botha vem a

conhecer o sucesso britânico, dá ordens para a imediata ocupação e artilhamento das elevações que circundam o Spioenkop com sete peças de 75 mm. Mais ainda: destaca 400 homens para ocupar um duplo mamelão (Twin Peaks) que daquela elevação se projeta na direção NE, e se constituía em uma via de acesso bastante interessante para a retomada da posição. Tudo isto ainda antes do amanhecer, valendo-se da iluminação ainda fraca e, sobretudo, do nevoeiro que ali imperava.

E é sob esta relativa cobertura nevoenta que a primeira vaga de *boers* tenta recuperar a posição, sendo repelida. Quando o nevoeiro se dissipa, ai pelas oito e meia, Warren se vê sob violenta fuzilaria e inúmeras concentrações de Artilharia. As cargas se sucedem, até que, em torno do meio-dia, o *Kommando Carolina*, comandado pelo *Kommandant Prinsloo*, investe e rompe o dispositivo britânico, sendo Warren mortalmente ferido, ai pelas 13:00 horas. A confusão implanta-se na tropa britânica para a definição de quem ficava no comando. Pior, o comando geral ainda interferia, quase como tradição no Exército Britânico, a partir de observações (com o emprego de uma luneta) de uma elevação situada a mais de quatro quilômetros de Spioenkop! Quando determinadas ordens chegavam por mensageiros, que se infiltravam penosamente até o topo da elevação, a situação de há muito havia mudado. Quase sempre tais ordens se

chocavam com a realidade e causavam graves transtornos, com suas marchas e contramarchas.

Em torno das 13:00 h, cerca de 200 dos *Fuzileiros de Lancashire*, no flanco direito (leste), se rendem, devido às pesadas baixas que vinham sofrendo e ao calor que lhes era insuportável. O colapso foi evitado pela chegada de reforços do *Regimento Middlesex* e do *Imperial Light Infantry*, o qual, inclusive, com o seu movimento, acabou por impedir o flanqueamento das posições britânicas pela tropa *boer* que arremetia pela encosta sul.

Ao final da tarde, mais reforços chegariam: o *Kings Royal Rifles*, sob o comando do Gen Burger. A superioridade numérica começava a pender para os britânicos, mas a cadeia de subordinação estava seriamente comprometida e a eles só restaria reajustar o dispositivo sob um comando presente e efetivo. Sem qualquer explicação, até hoje, surgiu a decisão de abandonar a posição.

A Artilharia *boer* martelava incessantemente a posição. A dimensão da confusão reinante entre os britânicos só pôde ser bem avaliada quando o Ten Cel Thomeycroft tomou a si a condução do retraimento, valendo-se da escuridão da noite, mas sem saber do sucesso que haviam colhido sobre Twin Peaks.

Os *boers* reocuparam a elevação logo no alvorecer e encontraram 322 mortos e muitos dos 563 feridos britânicos. 300 homens haviam sido feitos prisioneiros. No

total daqueles combates, os *boers* haviam tido 58 mortos e 140 feridos. Naquele dia foi estabelecido um *cessar-fogo* para que os mortos pudessem ser enterrados, o que acabou sendo realizado em rasas valas comuns, cobertas de pedras, tal a dureza do solo.

Mais uma vez, o General Buller falhara em uma manobra para libertar LadySmith. Os *boers* haviam rapidamente reconstituído sua linha de isolamento afastado. Este último fracasso determinará, logo após a liberação de LadySmith, a sua substituição no comando pelo General Lord Roberts, com o Gen Kitchner como seu Chefe de Estado-Maior. Estes chegam ao Teatro de Operações, em 14 de fevereiro, com mais reforços, os quais, aos poucos, ajudarão a reverter os fados.

Logo serão libertadas Kimberley e LadySmith (esta ainda pelo Gen Buller, em 28 de fevereiro de 1900). A liberação do cerco de LadySmith seria considerada o *ponto de inflexão* desta última guerra entre britânicos e *boers*. Dali pra frente, a vitória final britânica era só uma questão de tempo.

DE CERCADOS À VITÓRIA

Quando a guerra começara, em 11 de outubro de 1899, o governo britânico estava convencido de “*que estaria terminada por ocasião do Natal*”. Só faltou definir de qual ano.

1. Situação em Janeiro/
Fevereiro de 1900

O novo comandante designado para as tropas britânicas, Lord Roberts, acompanhado por seu Chefe de Estado-Maior, Lord Kitchener, chega à África do Sul com um objetivo inicial pré-traçado: liberar Kimberley do cerco e, então, capturar Bloemfontein com um contingente expressivo. Aprendendo com os fracassos de seus predecessores, quer evitar ao máximo ataques frontais, dando prioridade a ações altamente móveis. Com este desiderato, deverá haver preponderância de emprego de cavalaria, e um grande número de cavalos lhe é suprido. Ambos partem para o corte do Rio Modder, onde estão sendo concentrados 30.00 homens.

Enquanto isso, o Gen Buller, ainda no comando da frente sobre LadySmith, como já vimos anteriormente, fora barrado em Spioenkop, em mais uma tentativa de marchar sobre os *boers* que cercavam aquela importante guarnição.

Por outro lado, Mafeking (hoje Mafikeng), embora não passasse de uma vila, era outra importante localidade estratégica sobre a ferrovia, cercada, como Kimberley, desde 14 de outubro do ano anterior. Para lá se deslocara, espontânea e previamente, o Cel Robert Baden Powell, que iria enfrentar, quando atacado, uma desproporção de efetivos de 9 para 1, na defesa de um perímetro de 9 km. Para compensá-la, convocou os jovens de 9 a 15 anos para, com suas bicicletas, servir de estafetas e mensageiros para a distribuição do correio; logo eles

eram voluntários para servir de sentinelas e muitos outros serviços, demonstrando coragem diante do grande risco. Inspirado na atuação daqueles jovens, que tanto produziram pela decidida adesão a uma causa, ele foi levado, mais tarde, à criação do escotismo.

2. LADYSMITH, A VIDA EM UMA CIDADE SOB SÍTIO

Nada melhor do que acompanhar alguns trechos do diário de um dos moradores². A rigor, é interessante começar a leitura por alguns de seus cadernos mais antigos, para melhor entender a cidade¹:

- 1850, 11 de outubro: “A cidade foi hoje oficialmente proclamada “LadySmith”. (Explicamos nós: em homenagem a Lady Juana Maria de Los Dolores de Leon Smith, esposa do Governador da Província do Cabo, Sir Harry Smith, casada aos 14 anos com o militar, na Espanha, sua terra natal, por ocasião da campanha britânica contra as tropas de Bonaparte.)

- 1854, 12 de julho: “O bispo de Colenso veio à cidade junto com o contador-chefe do Senhor Governador. Nem eu tinha me dado conta de que já somos uma vila de 23 casas, uma Corte de Justiça, 2 hotéis, uma igreja calvinista, várias lojas, um acampamento militar, uma igreja anglicana e 102 moradores!”

- 1861, 26 de março: “Hans Don de Lange foi enforcado por ter matado um nativo... Knight e King abriram uma grande loja...”

No ano de 1885, muitos

eventos, dos quais destacamos:

- "... O proprietário esfaqueou o cunhado, que veio a falecer dois dias depois"; - "... cozinheiro doméstico começou um serviço religioso para nativos";

- "A ferrovia chegou à cidade(!)"; e...

- "...comerciantes muçulmanos estiveram na cidade".

- 1887, 23 de outubro - "Esta descoberta do ouro já está criando muitos problemas... O Secretário da '*Ladysmith Gold Minig*' já disse que está organizando uma tropa de '*Natal Carbineers*'."

- Lendo os registros de 1890, aprendemos que fora implantado um conjunto de prédios, fabricados com folhas de metal, para abrigar, não só soldados, mas também armas e munições, onde era o acampamento antigo;

- Nos de 1893, ficamos sabendo da construção do "*Town Hall*" e – vejam só – fora construída "uma fábrica que começara a suprir gás para a iluminação pública" daquela pequena cidade no interior da África (!);

- Viramos agora as páginas do caderno relativo aos anos de 1899/1900:

- Outubro:

Dia 2 – "Os '*Voluntários Navais de Natal*' chegaram ontem e hoje os '*Atiradores Montados da Fronteira*'... portanto, parece que vamos ter problemas em breve."

Dia 10 – "Está correndo por aí que o Oom" ("Old Man", ou "Velho" - Paul Kruger) deu um

ultimatum ao governo britânico para retirar as forças do país no prazo de 48 horas, ou vai haver luta".

Dia 11 – "Todo mundo passou uma noite de muita aflição sem saber qual seria a resposta do governo, mas não houve nenhuma... então, concluímos que deverá haver batalha em breve. Agora está explicado o incremento das tropas."

Ainda em 11 de outubro (provavelmente à tarde):... "confirmando o ultimato que nos deram, e não foram atendidos, os trekeers declararam guerra!"

Durante os primeiros dias da guerra declarada, ele vai descrevendo...

- as inúmeras unidades que chegam e que partem todos os dias: ... "há voluntários negros, a cavalo, vindos de Natal, por exemplo";

- as impressões e as atitudes de quem participa das primeiras ações: ... "já há gente vendendo cartões postais com imagens da guerra... Para muita gente (*tais fotos*) valem como um jornal"...

... "Esta tarde havia um grupo do exército enchendo um enorme balão redondo... Dizem que era teste"

Sábado, 21 de outubro: "Gente que veio de Dundee diz que nós tivemos tempos muito difíceis por lá e que o General Penn-Simons morreu."

Quinta-feira, 26 de outubro: O "Gen Yule chega, vindo da retirada de Dundee. A soldadesca veio caminhando desde lá, muitos sem sapatos, e estão todos no "bagaço".

Terça-feira, 31 de outubro: "Foi acordado um armistício para

recolherem feridos e enterrar os mortos, mas uma tremenda tempestade de poeira não deixou ninguém trabalhar”.

...“Um oficial foi levado a Corte Marcial hoje, por covardia e deserção durante os combates em Dundee e já foi destituído de sua Unidade. Interessante que isso só acontece quando se é derrotado. Parece que os comandantes querem arranjar explicação para os fracassos”.

Quarta-feira, 1º de novembro: “Dia de Todos os Santos. Não houve novidades. Parece que todos respeitaram o dia.”

Quinta, 2 de novembro:...”O último trem deixou a cidade cheio de mulheres e crianças, mais os Generais French e Yule. Tão logo eles partiram, os boers, às 2:30 da tarde, cortaram os fios telegráficos, a linha da estrada de ferro e destruíram as fontes de água”.

Seria por demais interessante transcrever outras partes deste diário, mas nos afastaríamos de nosso objetivo. Ficaríamos sabendo como famílias inteiras passaram a morar em grandes tocas cavadas no solo, para se abrigarem dos tiros intermitentes de canhão que levavam o desassossego à população; de como se estabeleceu um serviço de “Alerta, tiro de canhão!”, com vigias postados em cima de pilhas de caixas, os quais, ao perceberem a fumaça do disparo de um “Long Tom” davam o alarme, pois que a duração do trajeto da granada – aproximadamente 22 segundos – era suficiente para que todos se abrigassem. Saberiam das granadas de Artilharia ocas, lançadas pelos *boers* (mas cheias

de panfletos, chamando os britânicos de covardes por não virem a campo aberto dar-lhes combate); do racionamento de comida e de diversos outros artigos, do consumo de carne dos cavalos², das nuvens de moscas que penetravam na boca de quem comia, das mortes por diarreia (em maior número do que aquelas decorrentes dos combates ou bombardeios); conheceriam a tentativa dos *boers* de inundar a cidade, mediante a construção de uma barragem no rio, a jusante; dos nativos que, por infiltração, à noite, levavam e traziam correspondência e jornais, mantendo quase normal o serviço de correio para a Cidade do Cabo e adjacências! Conheceriam o resultado das partidas de *football* entre soldados escoceses e o time de natalenses, entre um arrebentamento e outro de granadas de canhão; acompanhariam a evolução quase que diária dos preços dos artigos, à proporção que iam escasseando.

Os leitores tomariam conhecimento da “Ordem N° 466 do Comando da Força” que rezava: “*Os veículos devem manter-se à esquerda, fazendo ultrapassagens pela direita. O número de mulas levadas a beber água não pode ultrapassar três e a velocidade limite esta restrita à do passo normal*”. Outras ali estão, bastante interessantes.

Mas não podemos encerrar este item sem comentar o que vai relatado por aquele habitante de Ladysmith sob cerco, ainda na jornada de 2 de novembro de 1899:

-“Uma ambulância boer veio à cidade trazendo feridos e uma carta do Cmt Joubert consultando sobre a troca de prisioneiros. Já que estavam aqui, aqueles boers compraram ‘goods’ nas lojas com moedas de ouro (!)”...

... “Descobriu-se, depois, que o condutor da carroça era um oficial de artilharia boer que aproveitara a excursão para descobrir alvos”.

De fato, segundo o seu relato, no dia seguinte, a Artilharia boer foi muito mais efetiva nos disparos contra depósitos de munição e prédios que eram sede de Comandos, não escapando nem o QG do General George White, comandante da guarnição ! Aliás, não foi poupada nem a inauguração do novo salão de jantar do *Royal Hotel*, “batizado” por um arrebetamento na hora prevista para a cerimônia – que por ter sido ligeiramente atrasada, poupou novos feridos para os cirurgiões. Os tiros estavam, realmente, com o repertório renovado e muito bem ajustados.

Mas nem tudo eram limitações e aflições. Notícias trazidas por nativos infiltrados, como as de 4 de dezembro – dando conta das vitórias britânicas contra o General boer Conje, no *Free State* – proporcionavam a programação de alegre partida de “*cricket*” para comemorar...

3. A LIBERAÇÃO DO CERCO A KIMBERLEY

Os moradores de Kimberley, como os de Mafeking, também passavam suas dificuldades.

Lord Roberts decide empregar sua Cavalaria, sob o comando do Gen French, para libertar Kimberley, objetivo duplamente importante, seja pela liberação de efetivos britânicos (sob o comando do Coronel R.G. Kekewich.) e de trecho da ferrovia, seja por abrir o prosseguimento para território inimigo. French contorna com rapidez o flanco esquerdo da posição do General P.A. Cronje à frente de Magersfontein, em direção a Kimberley. As forças boers ai estavam completamente inativas desde o início do sítio. Em 15 de fevereiro o cerco é finalmente rompido. Os boers retrocederam apressadamente na direção norte, enquanto milhares de britânicos invadiram o território do Estado Livre de Orange, ameaçando fracionar as forças do General Cronje.

O prosseguimento da ofensiva britânica tornou pouco seguras as novas posições de Cronje em Magersfontein, e ele teve de retrair mais uma vez. Mas o movimento vinha sendo consideravelmente retardado pela centena de carroções de que seus homens não abriam mão, além de condicioná-lo ao eixo que levava à água do Rio Modder, imprescindível para humanos e animais. Além disso, muitos tinham trazido consigo mulheres e crianças. Com isso, o Gen Cronje foi logo alcançado pelos britânicos, já que ele se negou a abandonar para trás a lenta coluna de seus carroções. Apesar desta proteção, muitas mulheres e crianças já tinham sido aprisionadas e algumas teriam triste fim nos campos de

concentração criados pelos britânicos³.

Em 17 de fevereiro, próximo a Paardeberg, o chefe *boer* percebe que sua rota de retraimento está cortada. Logo depois, seus carroções estão em chamas e ele está cercado por todos os lados. Em decorrência disso, seus homens cavam abrigos nas margens do Modder. A tropa do General French captura, logo na primeira noite, 540 prisioneiros – ai incluídos mais de uma centena com seus próprios cavalos - eles haviam abandonado o acampamento de Cronje. Muitas cabeças de gado e de ovelhas foram também recolhidas. Ainda que a situação se tornasse cada dia mais desesperada, os *boers* conduziam uma brava defensiva, sobretudo na jornada de 18 de fevereiro, quando impuseram pesadas baixas aos britânicos que tentavam desalojá-los.

A partir daquele dia, a ênfase passa para a numerosa Artilharia de Roberts, que mantém as posições inimigas sob bombardeio ininterrupto, até que, em 27 de fevereiro, só restava a Cronje render-se com os 3.000 homens que estavam cercados.

4. A OCUPAÇÃO DE BLOEMFONTEIN

A rendição de Conje fora um desmoralizante golpe para as forças *boers*. Após sua vitória em Paardeberg, Roberts prossegue sobre Bloemfontein, forçando sucessivos recuos do inimigo. Em 13 de março entra naquela capital abandonada. Roberts, então, decide ali fazer um alto durante algumas semanas para dar

descanso aos homens e para que a ferrovia para o Cabo - vital ao seu apoio - possa ser reparada.

Na frente de combate do Cabo, a marcha de Roberts para Bloemfontein configurara-se em séria ameaça para os *boers* que estavam em Colesberg e Stormberg – bem mais ao sul da capital - pois que eles poderiam facilmente ter seus eixos de retirada cortados, vindo a ser cercados pelo inimigo. A fim de evitá-lo, eles retrocederam para o Estado Livre de Orange. Em 28 de fevereiro de 1900, Colesberg é ocupada pelos britânicos, o mesmo acontecendo com Stormberg em 5 de março.

5. ENQUANTO ISSO, NA FRENTE DE NATAL

Uma série de pequenos combates, de 12 a 28 de fevereiro, conhecidos no seu conjunto como “*The Thukela Heights*” (“Batalha das Alturas do Tugela”), foram travados nas imediações de Colenso, direcionadas para a libertação de LadySmith. Neles o General Buller requereu de suas tropas uma dedicação inaudita, em situações limite, buscando sempre envolver as posições inimigas. Alguns nomes entraram para a história desta guerra e, mais ainda, para a história do próprio exército britânico. Basta lembrar que os embates pelo controle das elevações Cingolo, Monte Cristo, Hussar, Hart, Pieters, Wynne e Colenso Koppies, no conjunto de “*The Thukela Heights*”, fizeram parte, possivelmente, da maior refrega jamais travada pelo Exército

britânico até a Segunda Guerra Mundial. Considera-se, também, que até a guerra pelas Falklands, esta foi a maior batalha travada pelos britânicos no hemisfério Meridional.

Em 17 de fevereiro, o Gen Buller desencadeou sua quarta tentativa para aliviar LadySmith. Ele obteve sucesso em flanquear os *boers* pela esquerda e os repeliu na colina de Hlangwane, o que possibilitou o desembocar do combate sobre o platô de Pieters, em 23 de fevereiro. Inicialmente os *boers* obtiveram sucesso em deter o avanço dos britânicos, mas a superioridade numérica destes em canhões e tropas era inconteste e os *trekeers* tiveram que retirar-se.

É indispensável relatar, nesta ocasião, que a Artilharia britânica era um força poderosa no campo de batalha, mas normalmente mal utilizada por comandantes que não haviam se exercitado para empregar aquelas armas tão modernas (como, aliás, o combate de Colenso deixara bem claro). Surpreendentemente, em Pieters, Buller deixou que seus subordinados testassem o que consideravam um salto de modernidade na tática: concentrações de Artilharia pesada sobre o inimigo, coordenadas com a manobra, de molde a proteger e permitir o avanço da Infantaria. Foi um sucesso! Mas também foi a única oportunidade em que Buller se permitiu a um desses “laivos de condução de ações inventivas por um subordinado”...

A vitória em Pieters fora decisiva. A Artilharia britânica agora

pode cerrar sobre o dispositivo de cerco, ai abrindo, com seus fogos concentrados, importante brecha, logo aproveitada pela cavalaria de Lord Dundonald. A Infantaria, vindo logo atrás, ampliou a abertura e penetrou no dispositivo em várias direções, proporcionando a limpeza da área. Logo estava feito o contato físico com a tropa cercada.

Era o dia 28 de fevereiro. As estradas em direção ao norte encheram-se da poeira levantada pelos *boers* retirantes que aliviavam o cerco – ainda que um dos “*Long Tom*” (aqueles poderosos canhões *Creusot* 155 mm, que durante todo o cerco martelaram a cidade) ainda tivesse lançado uma última granada, como salva de despedida, antes de “atracar a palamenta” e partir. Em 1º de março LadySmith estava definitivamente libertada do cerco.

Com a ocupação de Bloemfontein e o alívio de Ladysmith, terminara a primeira parte da ofensiva britânica. Como Roberts, também Buller opta por dar um merecido descanso de algumas semanas para as suas tropas, aproveitando para recompletar níveis de suprimento e restaurar as linhas férreas danificadas para Durban.

Por outro lado, aproveitando-se da trégua que não pediram, analisando as razões e os efeitos de suas derrotas em Natal e no Estado Livre de Orange, os chefes *boers* adotaram, aos poucos, uma nova estratégia, a qual exploraria a ação de *kommandos* móveis, montados, os

quais seriam usados para empreender guerra de desgaste em largas frentes e grandes profundidades. Posições defensivas só seriam adotadas esporadicamente, por prazos suficientemente curtos, para evitar desfavoráveis engajamentos em posição. Os britânicos seriam sempre atacados pela retaguarda, pois que nestas condições, seriam melhores as condições de sucesso. Dali em diante, decidiram, “os *'kommandos'* mover-se-iam tão rápido que os britânicos nunca estariam bastante certos de onde procurar por eles”.

6. DE BLOEMFONTEIN A PRETÓRIA

a. O General Roberts Retoma a Ofensiva

A segunda fase da segunda ofensiva britânica consistiu em uma marcha ao longo da estrada de ferro principal de Bloemfontein até o norte. Várias colunas britânicas protegeriam a coluna principal do Roberts de ataques de flanco pelos *boers*. O total de efetivos beirava os 100 000 homens, enquanto Buller, com seus 50 000 combatentes, começaria uma ofensiva em Natal para unir-se às forças do Roberts no Transvaal.

As planícies do Estado Livre de Orange não proporcionavam boas posições para que os *boers* barrassem a progressão britânica. Em 12 de maio de 1900, eles entram em Kroonstad, que passara a servir como capital, desde a evacuação de Bloemfontein. Logo após, o governo de Estado Livre mudou-se para Heilbron.

Devido ao continuado avanço das colunas britânicas, o *boers* decidiram que os *kommandos* do Transvaal retirar-se-iam fazendo frente ao avanço dos britânicos, enquanto a população do Estado Livre retirar-se-ia, desafogada, para o leste.

b. A Tomada de Johannesburg

Ao se dirigir para o norte, Roberts experimentou pouca oposição. Suas forças começaram a cruzar o Rio Vaal no dia 27 de maio. No dia 29, os *boers* tentaram deter seu avanço ao sul de Johannesburg. Eles, contudo, logo tiveram que abandonar suas posições, assim que o inimigo iniciou uma perigosa manobra de flanco – aquela, por excelência, adotada por Roberts desde que assumira o comando. No dia 31 de maio, Johannesburg era ocupada pelas forças britânicas.

c. A Marcha sobre Pretoria; o começo do fim

O General Roberts estava convicto de que se Pretoria caísse, os exércitos republicanos deporiam suas armas. Destarte, ele não se demorou em Johannesburg.

Por outro lado, Botha, que sabia que não podia travar combates em posição contra o exército profissional, decidira não estabelecer posição defensiva na cidade e, em 29 de maio, determinou a retirada de seus comandos postados ao longo da ferrovia para o porto de Delagoabay (Lourenço Marques, hoje Maputo). Em decorrência desta providência, na

mesma oportunidade, o presidente Paul Kruger deixou Pretoria. Em 21 de outubro ele embarcaria para a Europa na belonave holandesa “*Gelderland*”, especialmente enviada pela rainha Guilhermina para acolhê-lo. Da Holanda ele trasladar-se-ia para a Suíça, onde viria a falecer em 14 de julho de 1904, sabedor da derrocada total de seu sonho de mocidade – o Transvaal independente.

Em 5 de junho de 1900, o General Roberts entrou numa Pretoria praticamente desabitada e presumiu que a guerra estava terminada. As forças republicanas, contudo, estavam longe de pretender se render.

No Estado Livre, por exemplo, os *boers* vinham obtendo espantosos sucessos, como o alcançado na batalha de Biddulphsberg e aquele em que forçou a rendição da guarnição britânica de Lindley. O General *boer* De Wett, se conscientizando da importância da ferrovia como eixo de abastecimento para os britânicos no norte, começou a focar sua atuação sobre a linha da estrada de ferro. Em 7 de junho 1900 ele atacou Estação de Roodewal, onde uma quantia grande de material estava sendo estocada. Esta retenção logística era causada pela destruição das pontes de estrada de ferro pelos comandos *boers*. De Wett apoderou-se dos materiais e escondeu-os. Em função desta ação, durante muito tempo seu *kommando* ainda valeu-se desta fonte de aprovisionamento.

É interessante lembrar uma conduta que sempre beneficiava os

boers em relação aos britânicos. Nas frações inglesas de Infantaria Montada, de cada quatro combatentes, um deveria ficar de guarda-cavalos, com ambas as mãos ocupadas, segurando as rédeas do seu cavalo e de mais três companheiros. Já entre os *boers* nenhum homem válido ficava fora do combate, simplesmente porque os animais deles eram treinados para permanecerem no local onde eram deixados, com as rédeas no pescoço, sem se assustar com os tiros.

As ações do General De Wett no Estado Livre levaram Roberts a concentrar várias forças britânicas de porte no leste de Orange. Estas forças canalizaram os *boers* para as montanhas em Fouriesburg. Aí eles foram, finalmente, cercados pelos britânicos. Embora cerca de mil homens tenham conseguido se exfiltrar através das linhas britânicas, 4.000 *boers*, comandados pelo General M. Prinsloo (o mesmo que fora tão decisivo em Spioenkop, à frente do *kommando Carolina*) foram forçados à rendição. A captura de Prinsloo - como já ocorrera quando da prisão de Cronje - teve um efeito devastador no moral dos *boers*.

Em um esforço para deter De Wett, Roberts determinou vários *raids*. Nenhum destes foi bem sucedido, simplesmente porque ele se *valia* muito bem do emprego do tempo, deixando sempre os britânicos, que estavam no seu encalço, a um passo da posição dele anteriormente ocupada.

Quando os *boers* se recusaram a se render, mesmo após a captura

de Pretoria, Roberts teve que continuar a guerra pela ocupação do resto do Transvaal. No leste, norte e oeste de Pretoria ainda existiam *kommandos boers* que tiveram que ser subjugados.

Em 11 de junho, na batalha de *Donkerhoek* ou *Diamond Hill*, os *boers*, sob as ordens de Botha, mantiveram suas posições mas, devido à marcante superioridade numérica britânica, tiveram que retroceder.

A ameaça de cerco, que o avanço de Buller proporcionava, vindo de Natal, fez Botha retirar-se para leste, ao longo da linha férrea. Em agosto, os homens de Buller acabam por juntar-se com aqueles de Roberts. Em 21 deste mês, os *boers* vão, novamente, dar batalha aos britânicos. O combate de Dalmanutha só vai findar depois de 27 de agosto, quando os *boers* retiram-se do combate. Este foi o último combate convencional da guerra. Em 24 de setembro de 1900, todo o Transvaal ao sul da estrada de ferro para o porto de Lourenço Marques, estava sob dominação britânica.

Mafeking tivera seu cerco aliviado pelos britânicos em 17 de maio de 1900. Durante 217 dias Baden-Powell defendera a cidade, resistindo ao poderoso cerco imposto pelos Boers. Ele era agora um herói militar conhecido em toda a Inglaterra. Com este retumbante sucesso, foi promovido a General com apenas 43 anos de idade (O mais novo do Império!).

d. O último esforço *Boer*

O Gen Botha decide invadir pela segunda vez a província de Natal. Ele reúne da ordem de 1.000 remanescentes dos *kommandos* Bethal, Middelburg, Ermelo, Carolina e Standerton em Blaauwkoop, próximo a Ermelo. Parte, então, pela chamada “*via Piet Rief*” (eixo tradicional de infiltração *boer*) em direção ao seu objetivo. À proporção que marcham, a eles vão se juntando antigos *kommandos* de Wakkerstroom, Utrecht e Vryheid, o que elevou o efetivo para perto de 2.000 homens!

O plano geral de Botha era irromper pelo norte da província, desestabilizando o controle britânico sobre a área e, a partir daí, juntar-se às forças do Gen Jan Smuts, o qual já percorria a Colônia do Cabo.

Em 17 de setembro sua presença é detectada pela inteligência britânica em *Blood River Poort* (um *desfiladeiro*), poucos quilômetros ao norte da estrada Dundee - Vryheid.

Alguns carroções britânicos deveriam chegar a Dundee, vindos de Vryheid, o que preocupou o Comandante da guarnição, Cap Gough. Ele parte com duas companhias de Fuzileiros Montados que deveriam se opor aos 300 boers relatados. Na verdade, sabemos que eles eram em muito maior número, e os britânicos são surpreendidos, logo após penetrarem no desfiladeiro, pelo envolvimento de outro tanto pela retaguarda. As baixas foram pesadas para um combate de apenas 10 minutos: 44 mortos e 241 feitos prisioneiros. É sabido que a tropa

de Botha não podia conduzir ou guardar prisioneiros – nem tampouco agia como os zulus, “liberando os espíritos”!... Eles são abandonados sem calças e sem botas no dia seguinte, na estrada para Vryheid.

As tropas de Botha infletem, agora, para o sul, atingindo Babanango em 24 de setembro. Devido à priorização das condutas no Transvaal, os britânicos só dispõem na província de um destacamento da 5ª Div de Infantaria Montada para cobrir a fronteira norte. Seu comandante recebera informações, em 23, de que sua Unidade estava na rota do avanço de Botha. Monta posições na crista militar do morro Itala e com 220 militares vai se postar na base da elevação, articulando a defesa com outros 148 no Fort Prospect – uma posição construída a base de grande muro de pedra.

Botha divide seus homens em três colunas: a 1ª, sob o comando de um de seus irmãos, Chris (800), e a 2ª com experientes *kommanders* (600), atacarão, respectivamente, a crista e a base da elevação; a 3ª (400 homens) atacará a fortificação. Aproximadamente à meia-noite de 25, sob uma lua cheia que ilumina o campo com perfeição, os defensores detectam os primeiros movimentos atacantes e, quando eles estão a 100 metros da posição, os surpreendem com intensa fuzilaria. Ainda assim, após 5 horas de variadas manobras, os boers desalojaram os 14 britânicos que ainda podiam se locomover no alto morro. Às 6h há uma inquietante

pausa no combate. O médico britânico decide ir até o topo para tratar de eventuais feridos, mas é aprisionado e instado a tratar dos feridos de ambos os lados. Dois canhões de 15 são capturados, mas já sem munição.

Às 5h da tarde do dia seguinte, após um combate quase que incessante, com o Maj Champan, Cmt do destacamento, gravemente ferido, tudo parecia perdido. Já havia a decisão de rendição, quando, repentinamente, Botha suspende o ataque e retira-se. Vai reforçar as ações sobre o Fort Prospect, que se desenrolam desde às 4h30 da manhã. Preocupa-se com o já elevado número de baixas – 128 mortos e mais 21 gravemente feridos. Acaba por suspender todos os ataques, pois tem certeza de que a sua posição já está revelada e poderá sofrer ações de grandes efetivos britânicos.

Esta será uma constante. Botha, à vista do que acontecera com Conje e outros chefes importantes, não acha conveniente ficar engajado muito tempo. Como ele dizia, as notícias de sua presença “*correm com o vento e os tiroteios atraem atenções adversas*” ...

Ele ainda executaria vários e desgastantes *raids* contra contingentes britânicos, causando intranquilidade e o maior número possível de baixas.

e. A guerra chega ao fim

Em breve todas as cidades importantes do Transvaal Ocidental cairiam em poder dos britânicos. Os *boers*, agora, de caçadores haviam

passado a caça, não podendo fixar-se em ponto algum, manobrando sempre em ambiente de guerrilha, atacando e refluindo por um terreno que conheciam muito bem. Aos britânicos, contudo, sobravam efetivos profissionais e meios abundantes.

Em um esforço para estancar a guerrilha *boer*, os britânicos queimaram as quintas, fazendas e as colheitas deles, reimplantando o princípio de terra arrasada. Os guerrilheiros voltaram-se, então, contra as povoações dos nativos, forçando-os a participar das lutas, confundindo os britânicos sobre o número, a localização, e os verdadeiros combatentes que se lhes opunham.

Os britânicos durante a guerra desenvolveram os primeiros campos de concentração jamais imaginados em conflitos anteriores, onde aprisionaram cerca de 22.000 mulheres e crianças em condições precárias. Ao final da guerra, 2.700 delas haviam morrido por subnutrição e/ou doenças. Os prisineiros boers foram encarcerados em dezenas de campos, junto com os seus trabalhadores negros, sem alimentação suficiente, nem cuidados médicos.

Por outro lado, muitos *afrikaaners* foram chamados pejorativamente por seus compatriotas de “colaboracionistas” (“*joiners*”), “mãos ao alto” (“*hensoppers*”, em afrikaans, ou “*hands-uppers*”, em inglês) ou “derrotistas” (os “*bittereinders*”, em afrikaans, ou “*bitter-enders*”, em inglês, ou seja, “os que preferem o fim amargo”). Era o grupo que julgava que já era hora de

entrar em um acordo com os britânicos. Tentando não se afastar de seus amigos, prosseguiram com a resistência ainda por mais um ano, ao fim do qual, os “*bittereinders*” finalmente perceberam que a nação *boer* seria completamente destruída se eles persistissem na luta e assinaram a paz em Pretória, em 31 de Maio de 1902 - Tratado de Vereeniging. Por este documento, as repúblicas rebeldes foram incorporadas ao Reino Unido, com certa autonomia administrativa e, em 1910, juntar-se-iam às colônias do Cabo e de Natal para constituir um Estado de estrutura federal: a União Sul-Africana (USA).

Ainda pelo tratado, os *boers* tiveram seus direitos políticos reconhecidos e a Coroa Britânica concordou em assumir suas dívidas provenientes da guerra e indenizá-los por todas as perdas decorrentes do conflito (em um montante de mais de três milhões de Libras esterlinas). Os súditos de origem batava ficavam com um estatuto legal especial, uma vez que o “*afrikaans*” ainda não era reconhecido como língua distinta.

Outra provisão do tratado era que os pretos nativos não teriam direito de voto, excepto aqueles residentes na Colônia do Cabo. A administração britânica ainda tentou a “domesticação” dos *boers* através da educação obrigatória em Inglês, mas o plano apenas resultou em ressentimento por parte dos *boers* e acabou abandonado quando os Liberais tomaram o poder na Grã-Bretanha, em 1906. Em 1925 o *afrikaan* viria a ser reconhecido como um dos idiomas oficiais da USA.

Em toda a guerra, o efetivo empregado pelos britânicos chegara a 365.693 homens, enquanto os *boers* jamais ultrapassaram os 88.000.

f. E o que ficou desta guerra?

Esta campanha entre britânicos e *boers*, é certo, será sempre lembrada pela introdução dos “comandos” no combate moderno. A necessidade de missões profundas na zona de retaguarda do inimigo ou no interior do país adversário, o combate em situações adversas de efetivos, sempre levarão o militar cioso de suas obrigações a continuar combatendo com frações deste tipo.

A Artilharia saiu engrandecida pelo reconhecimento de que seu apoio não pode ser esquecido no campo de batalha, quebrando as defesas inimigas e atuando sobre o seu moral e economizando vidas de nossos combatentes. É a partir do combate de Pieters que se fixa a tática de apoio direto da Arma ao movimento da Arma Base. Por outro lado, esta guerra determinou o fim do emprego de canhões em primeiro escalão, sem massa cobridora interposta entre eles e o inimigo. Quem manteve aquela prática continuou a desperdiçar homens e materiais. Por outro lado, vedada a visada direta sobre os alvos, a partir da batalha de Colenso, instituiu-se a pontaria indireta das peças e baterias.

Firmaram-se conceitos sobre emprego de balões e das ferrovias; das granadas ocas para lançar panfletos de propaganda, em campanhas de

Operações Psicológicas; de holofotes potentes para a iluminação indireta do campo de batalha (eles foram distribuídos aos ingleses, com geradores próprios, em pleno campo).

O telégrafo foi intensamente empregado – inclusive por cabo submarino. Os “heliógrafos” – dispositivos que aproveitavam a luz solar para transmitir mensagens por código – foram uma forma de telegrafia sem fio, à época.

Infelizmente, também ficaram as imagens tristes de velhos, mulheres e crianças sendo removidos em vagões de carga para “campos de concentração”, como gado humano. Fotografias de crianças esqueléticas em uma terra rica, que fora de seus pais e aonde elas vinham brincando livremente até pouco tempo atrás

FONTES PESQUISADAS

- Anotações de viagens do autor aos campos de batalha na África do Sul, acompanhado de guia habilitado em História Militar Sul-africana, 2005.
- Anotações feitas no Museu de LadySmith, KwaZulu-Natal, RSA, 2005.
- Anotações colhidas no Museu das Forças Armadas, Johannesburg, Gauteng, República da África do Sul, 2005.

BIBLIOGRAFIA

- WATT, Steve. **The Siege of Ladysmith**. Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.
- BOURQUIN, S. B. & TORLAGE,

Gilbert. **The Battle of Colenso**, Randburg, RSA: Ravan Press, 1999.
BELFIELD, Eversley M. **The Boer War**. Hamden, RSA: Archon Books, 1975.

JOHNSON, R. W. **South Africa – The First Man, The Last Nation**. Great Britain: Weidenfeld & Nicolson, 2004.

CHURCHILL, Winston S. Sir. **The Boer War: London to Ladysmith Via Pretoria**; Ian Hamilton's March. New York: W. W. Norton, 1989.

CLODFELTER, Micheal. **Warfare and Armed Conflicts**. Jefferson, N. C. McFarland, 1992. 2 vols. Volume One - **South African** (Second Boer) *War: 1899-1902*, pp 357-362.

DE WET, Christiaan Rudolf. **Three Years' War**. New York: Scribner's Sons, 1902.

KAIGHIN, Brian. **A Diary of The Siege of Ladysmith**, Pietermaritzburg, RSA: Teeanem Printers, 1999.

FARWELL, Byron. **The Great Anglo-Boer War**. New York: Harper & Row, 1976.

LATIMER, Jon. Talana Hill – Opening Shots of the Boer War, *in* Revista **Military History**, outubro de 1999, pg 54.

- Sites consultados: (dentre vários)
- <http://www.chirundu.com/history/images>

- <http://www.anglo-boer.co.za/images/photos/britpeople>

- <http://www.britishbattles.com/first-boer-war>

- <http://www.militaryphotos.net/>

- <http://samilitaryhistory.org/> (da Sociedade de História Militar da RSA)

- http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Mafeking

- <http://samilitaryhistory.org/>(da Sociedade de História Militar da RSA)

NOTAS

¹ Extraído da transcrição que vai em "*A Diary of the Siege of Ladysmith*", de Brian Kaighin.

² Os britânicos empregaram mais de 500 mil cavalos durante a guerra, dos quais perderam da ordem de 370 mil fora de combate(!) por problemas de doenças, pasto insuficiente ou falta de água, exaustão – em certos momentos – e acidentes. Talvez nunca tenham imaginado que teriam que sacrificar um bom número para alimentar a população e os soldados sitiados.

³ Esta guerra viu surgir, pelas mãos dos britânicos, os campos de concentração. Neles vieram a sucumbir, devido à inanição e aos maus tratos, mais de 20.000 *boers*, sendo 2.700 só de mulheres e crianças.